

## "O DESTINO DA MULHER É SER COMO A LOBA E A CADELA": notas feministas sobre *A filosofia na alcova*

Henrique Marques Samyn (\*)

### Resumo

Publicado em 1795, *A filosofia na alcova* – uma das mais importantes obras do Marquês de Sade –, quando lido a partir de uma perspectiva crítica feminista, revela-se como um texto em que convergem diversos discursos tributários de uma visão misógina sobre o corpo da mulher (concebido de modo essencialista), sua função e sua natureza. Este artigo visa a abordar o modo como esses discursos se entrelaçam no texto Sadeano para relegar a mulher a um lugar subalterno.

**Palavras-chave:** Marquês de Sade. *A Filosofia na Alcova*. Teoria Literária Feminista.

### Abstract

Published in 1795, *Philosophy in the Bedroom* - one of the most important works of the Marquis de Sade - when read from a feminist critical perspective, it appears as a text in many tributaries converging discourses of a misogynist view of the body of woman (designed essentialist mode), its function and its nature. This article aims to address how these discourses are interwoven in Sadean text to relegate women to a subordinate place.

**Keywords:** Marquis de Sade. *Philosophy In the Bedroom*. Feminist Literary Theory.

### I. Sobre "o grave defeito de ser mulher"

Se feministas não devem queimar Sade, como admoestou Simone de Beauvoir; se não cabe rejeitar sua importância, tanto como escritor quanto como pensador das contradições de seu tempo, isso não deve obstar a leitura crítica de seus escritos enquanto produto de uma tradição de pensamento que muito nos pode dizer acerca do modo como historicamente foram produzidos os discursos sobre "a mulher" – categoria que, como sabemos, tem estatuto sempre provisório, constituído mediante negociações identitárias e tensões políticas no âmbito da dinâmica sociocultural. O que aqui objetivamos é apresentar algumas observações em torno de uma das mais importantes obras do Marquês, *A filosofia na alcova*<sup>1</sup>, a partir de uma perspectiva

---

(\*) Doutor em Literatura Comparada. Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Letras/Literatura Portuguesa). E-mail: marquessamyn@gmail.com.

1 *La Philosophie dans le Boudoir*, originalmente publicada em 1795; as referências deste artigo remetem à seguinte edição: SADE, D. A. F. *A filosofia na alcova*. Trad. Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2003.

crítica de orientação feminista. Será assim possível investigar como nela se entrelaçam diversos discursos que, refletindo perspectivas filosóficas e concepções sobre a natureza, convergem para relegar a mulher a um lugar subalterno perante o sujeito masculino. Não se trata de discutir em que medida esses juízos podem ser atribuídos ao próprio Sade, como efeitos de uma suposta voz autoral expressa por vias fictícias, mas sim de registrar de que modo mobilizam um conjunto de discursos que pretendem determinar a natureza da mulher, seu lugar e sua "função". É assim que buscaremos desvelar os traços de uma perspectiva que, ao configurar-se no discurso literário, revela-se não necessariamente como reflexo imediato da mundivisão do autor empírico que produziu esses escritos, mas como instância de uma larga tradição patriarcal.

Já nas passagens iniciais de *A filosofia na alcova* oferecem um valioso ponto de partida para os questionamentos propostos. A narrativa se inicia com um diálogo entre a Senhora de Saint-Ange e o Cavaleiro de Mirvel; a princípio, esperam apenas a chegada de Dolmancé, por ela aguardado com ansiedade; não obstante, de Saint-Ange anuncia para o Cavaleiro uma novidade: há de juntar-se a eles a bela, jovem – e virgem – Eugénie. A princípio, a Senhora atribui a si o dever de educar Eugénie, conquanto repartindo essa responsabilidade com aquele que aguarda: "Dolmancé e eu incutiremos em sua linda cabecinha todos os princípios da libertinagem mais desenfreada", afirma "Abrásá-la-emos com nosso fogo; nossa filosofia lhe servirá de elemento e nossos desejos de inspiração"<sup>2</sup>. Todavia, essa postura rapidamente se modifica, devido a um inusitado acontecimento: quando chega com a jovem ao gabinete, lá já está Dolmancé – esperado para algumas horas depois, mas cuja chegada fora antecipada graças ao Cavaleiro, que julgara necessária sua presença.

A importância desse evento não pode ser negligenciada: há aqui a deliberada associação de dois personagens que tratarão de ocupar o privilegiado lugar destinado àqueles que, na ordem patriarcal, efetivam-se como indivíduos através da masculinidade. Como se tornará claro a seguir, é esse um movimento político: o lugar ocupado por Dolmancé e pelo Cavaleiro de Mirvel, a partir desse momento, será reconhecido como um espaço de domínio e de produção de verdade(s), consoante a estruturação hierárquica estabelecida no âmbito de uma naturalizada ordem sexista – e, em decorrência disso, de modo inevitável e imediato será

---

2 SADE, *op. cit.* p. 19.

delimitado um espaço secundário: aquele destinado às mulheres<sup>3</sup>. É num cenário assim configurado que terá lugar a educação de Eugénie.

Os protestos da jovem e o embaraço da Senhora de Saint-Ange se deparam com a calma de Dolmancé; todavia, esse é logo alçado à posição dominante: a Senhora reconhece nele "o homem mais capacitado do mundo" a conduzir Eugénie na "carreira da felicidade e dos prazeres"<sup>4</sup> – num movimento, portanto, em que ela mesma já se desloca para uma posição subalterna, a fim de adequar-se à assimétrica distribuição de poder que reconhece como legítima. De modo consistente, no momento em que Dolmancé agarra Eugénie e ela tenta desvencilhar-se, de Saint-Ange decide oferecer o exemplo: beija-o, encorajando a jovem a imitá-la, o que imediatamente ocorre; pouco depois, mesmo a Senhora não hesita em colocar-se na posição de uma devota aluna: "Necessitamos de vossas aulas; começai a ministrá-las, e os mirtos que desejais colher formarão depois vossa coroa"<sup>5</sup>, diz a Dolmancé. Poucos, mas precisos, esses passos por intermédio dos quais o sujeito masculino assume o lugar soberano; acima de tudo, passos necessários para que a preleção possa ocorrer – uma vez que terá lugar a construção de um discurso sobre "a mulher".

"Dissertai sobre mim o quanto quiserdes!"<sup>6</sup>, afirma de Saint-Ange, oferecendo a Dolmancé o seu corpo; convite – que, evidentemente, será bem recebido – a que seja tomada por ele como um objeto para a demonstração que terá, por fim, instruir Eugénie. Nada há de contingente na distribuição dessas posições: assim o poder normativo é conferido à voz reconhecida como masculina, pronta a falar em nome de valores androcêntricos que se articulam para compor a matriz em cujo âmbito será pensado o corpo feminino<sup>7</sup>. Embora também o corpo dos homens venha a ser objeto das digressões, a diferença de estatuto entre um e outro é evidente. A própria

---

3 Vale ressaltar que é como categorias políticas que aqui falamos em termos de "homens" e "mulheres", de modo a evitar qualquer tipo de pressuposto essencializante; não obstante, no próprio texto sadeano é evidente a dimensão fulcral da perspectivação essencialista (cf. a nota 2; acerca das vantagens de se tratar homens e mulheres como categorias políticas, pode-se compulsar Whitehead, 2007). Pode-se ainda evocar a análise de Angela Carter (1978) sobre Juliette enquanto possibilidade de uma mulher ocupar o que se poderia considerar uma "posição masculina" no universo sadeano, do que resultam a adoção do *ethos* libertino e a replicação da estrutura sexista.

4 SADE, *op. cit.* p. 25-26.

5 *Ibidem*, p. 27.

6 *Idem*.

7 Cabe ressaltar que o "corpo feminino" de que tratamos ao longo deste artigo é aquele concebido a partir da noção de corpo-sexuado que estabelece a identidade de gênero a partir da genitalidade – uma vez que, como veremos, é no âmbito de um essencialismo fundamentado em referenciais anatômicos que se inscreve o discurso sadeano.

Senhora de Saint-Ange apresentará a Eugénie o "cetro de vênus" qualificando-o como "o primeiro agente dos prazeres do amor"<sup>8</sup>, desse modo associando o corpo feminino à passividade. Para que esse seja despojado de qualquer função ativa, será preciso eliminar também algo que, ao menos na perspectiva sadeciana, não diz respeito imediatamente ao desejo erótico masculino: a gravidez. Os seios têm "grande virtude no prazer", mas jamais são pensados como associados à amamentação; "uma linda jovem deve ocupar-se apenas em *foder* e jamais em *gerar*", afirma de Saint-Ange<sup>9</sup>. Nada disso quer dizer que à mulher seja negado o prazer; contudo, ele será sempre secundário, menor, falso, numa perspectivação axiológica que atingirá todos os elementos corporais tradicionalmente associados à condição feminina. Consistente com isso é a eleição do intercurso anal como um modelo: a rota para a vagina é "a mais usada, mas não a mais agradável"<sup>10</sup>.

O que emerge do texto literário é a percepção de haver no corpo feminino algo de intrinsecamente falso, e é justamente essa falsidade o que determina a sua condição reificada. Por outro lado, é preciso levar em conta esse fundamento sexista quando consideramos a (in)versão sadeciana do imperativo formulado por Kant, como percebida por Jacques Lacan, à maneira de máxima do agir sádico: "Tenho direito de gozar do teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê o gosto de nele saciar"<sup>11</sup> – fórmula que explicita o "direito ao gozo do corpo do outro", concebido e construído de modo análogo ao imperativo categórico kantiano<sup>12</sup>. Claro está que o lugar desse "outro", cujo corpo deve servir como objeto para o gozo, será essencialmente destinado à mulher.

Não se trata, reiterar-se, de vedar à mulher o direito ao prazer sexual: a mulher goza – e esses prazeres são muitas vezes louvados tanto pela Senhora de Saint-Ange quanto por Eugénie. Não obstante, ainda que a mulher goze, seu prazer é sempre secundário, se comparado ao prazer masculino; a própria condição feminina representa, nesse sentido, uma insuperável falha. Quando Eugénie se deixa cair nos braços da Senhora, oferecendo-se para ser "enrabada", Dolmancé – aquele "homem mais capacitado do mundo" no que tange aos prazeres da carne – declina,

---

8 *Ibidem*, p. 28.

9 *Ibidem*, p. 29.

10 *Ibidem*, p. 28.

11 LACAN, J. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 780.

12 Cf. SAFATLE, V. *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: UNESP, 2006. p. 161.

apresentando esta escusa: "Querida criança, tendes a meus olhos o grave defeito de ser mulher"<sup>13</sup>. Porque o gozo feminino é secundário, cabe à mulher menos desfrutar do que ser desfrutada; cabe-lhe, acima de tudo, servir para o exercício do prazer masculino, o único que pode ser considerado "real" – e que encontra aí a justificativa para rechaçar o corpo feminino, quando se sente aviltado pela suposta falsidade associada àquele.

## II. Da subalternidade naturalizada

Essa reflexão encontrará novos desenvolvimentos; para fundamentá-los, o discurso libertino recorrerá a uma concepção específica de natureza, diretamente relacionada ao processo de produção dos corpos – algo compreensível a partir de pressupostos ateístas característicos do pensamento sadeano. Vale recordar que, embora reconhecidamente adotasse como ponto de partida o sistema da natureza do Barão d'Holdbach, Sade fez mais do que meramente adotar noções vigentes na época – do próprio D'Holdbach, de La Mettrie ou Diderot, por exemplo –, dedicando-se à elaboração de um conjunto original de argumentos. O ateísmo que encontramos em Sade é, em primeiro lugar e acima de tudo, uma "revolta lógica"<sup>14</sup>, ou seja: um empreendimento filosófico legítimo, que recusa as rasas refutações e busca estabelecer seus próprios fundamentos<sup>15</sup>. Por conseguinte, o Marquês dispensará qualquer aparato religioso ou metafísico para, respeitando as estruturas patriarcais, elaborar uma concepção de natureza em cujo âmbito a posição inferior da mulher possa ser justificada.

Aqueles mesmos pressupostos materialistas, aquela mesma perspectivação ancorada num suposto empirismo que permitem à argumentação sadeana dispensar o fantasma divino como uma "quimera" – que, em vez de auxiliar na busca por respostas, apenas acarreta dispensáveis complicações metafísicas – são mobilizados pelo Marquês para a construção de um discurso misógino baseado em pretensas evidências; está aí, a um só tempo, o que nela é eficácia ou falácia, quando aceito ou

---

13 SADE, *op. cit.* p. 106.

14 LE BRUN, A. *Sade: a sudden abyss*. Trad. Camille Naish. São Francisco: City Lights Books, 2001. p. 30.

15 Poder-se-ia também articular com a propensão misógina o fato de o ateísmo, como formulado nos textos sadeanos, ter a particularidade de encerrar uma recusa da sociabilidade, como observa Zurbuchen (2006, p. 792), havendo nisso consequências para sua concepção de (i)moralidade.

rejeitado o conjunto dos "fatos". Quando se toma a natureza como ponto de partida, de que se fala? No caso dos escritos de Sade, acima de tudo de uma natureza produtora da desigualdade, à qual o autor recorre incessantemente em toda a sua obra. Como ressalta Eliane Robert Moraes, "exaustivas provas históricas fundamentam sua argumentação: não há povo que não tenha uma casta desprezada; evidências biológicas adensam o raciocínio; como pode um pigmeu de um metro e trinta querer igualar-se à força de um Hércules?"<sup>16</sup> Há quem veja nisso um reflexo da sensibilidade aristocrática que jamais recusou sua superioridade<sup>17</sup>; seja esse ou não o caso, é assim que a natureza emerge nos escritos sadeanos: como a construtora de um mundo em que a clivagem entre os indivíduos é evidente e necessária – algo que se coaduna com a mundivisão libertina: não se legitima, desse modo, que certos corpos sejam produzidos a fim de servir a outros?

Será essa, afinal, a função do corpo feminino: a de servir aos homens. Um momento basilar na construção dessa linha argumentativa n'*A filosofia na alcova*, obra que em particular nos interessa, é a visão que o texto nos apresenta da concepção, que encerra o conjunto de elementos necessários para que à mulher seja conferido um lugar subalterno. Em discurso a Eugénie, a Senhora de Saint-Ange ressalta que, na dinâmica da concepção, o papel da mulher é apenas "elaborar": ela "ajuda na criação, sem ser sua causa"; "vários naturalistas modernos até afirmam que ela é inútil"<sup>18</sup>. O efeito disso para as relações parentais é imediatamente inferido: se a criança é formada apenas a partir do pai, só a ele deve afeição – o que é confirmado pela jovem e por Dolmancé, que não hesitam em reconhecer a estima sentida por seus pais e o desprezo nutrido pelas mães. É ainda ele quem, tomando como pressuposto o papel sempre passivo atribuído às mulheres, assegura terem sido os pais que as solicitaram para o ato sexual que resultou na concepção; as mães apenas assentiram – o que o leva a concluir: "Logo, o pai queria que nascêssemos, enquanto a mãe não fez mais do que consenti-lo. Que diferença de sentimentos!"<sup>19</sup>. Se homens

---

16 MORAES, E. R. *Sade: a felicidade libertina*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 102.

17 Para os que adotarem essa perspectiva de leitura, valeria evocar a observação de Victoria Sau (2000, p. 49-50) sobre a aristocracia enquanto classe masculina que tem por origem a guerra e a conquista – próprios de uma dinâmica projetada por Sade na ordem natural –, podendo nela ingressarem as mulheres apenas por filiação ou através do matrimônio; nessa medida, o suposto sentimento aristocrático de Sade poderia ser percebido como intrinsecamente ligado à sua disposição misógina.

18 SADE, *op. cit.* p. 35.

19 *Idem.*

– e mulheres – já nascem nutrindo esse desprezo pela figura materna enquanto representação da condição feminina, o que poderia suscitar uma afeição apartada da misoginia?

Concebida *ab origine* – biológica e metafisicamente falando – como um ser de segunda categoria, a mulher pode ser facilmente reificada à força de uma argumentação que chegará ao ponto de supor uma hierarquização fundamentada no determinismo "natural". Se, no pensamento sadecano, a autonomia do indivíduo é subsumida no âmbito da natureza, onde impera a violência e a decorrente subjugação do mais fraco pelo mais forte, o maior preço será pago pelas mulheres – e as balizas para essa medida se estabelecem precisamente a partir do corpo. O corpo feminino, como anteriormente demonstrado, não tem pleno direito ao prazer sexual: aquilo que é próprio da mulher, na visão essencialista que serve como esteio para a reflexão do Marquês – ou seja, a vagina – é incapaz de oferecer-lhe o mais agradável dos deleites; como corolário, a mulher é "naturalmente" privada do "primeiro agente" desse prazer, ou seja, o pênis. Ademais, o corpo feminino também para a concepção é secundário, pois só pode fornecer a "matriz" que meramente "elabora" a potência latente na semente masculina – o que é suficiente para determinar sua inutilidade. Trata-se, portanto, de um corpo destinado a servir; ainda assim, naquelas vezes em que a isso for solicitado. O elogio à sodomia que o Cavaleiro de Mirvel insere no discurso que constitui a mais famosa seção de *A filosofia na alcova* – "Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos" – não deixa de referi-lo: são muitos os povos que desprezam as mulheres; há mesmo os que as procuram apenas quando há a absoluta necessidade de produzir um filho<sup>20</sup>. Que a mulher, portanto, esteja pronta a servir quando for solicitada a fazê-lo, e que aceite o desprezo em todas as outras ocasiões: se assim determinam os homens, é porque o autoriza a "ordem natural".

### **III. Gozo masculino e legitimação do estupro**

Construído de modo a eliminar terminantemente a autonomia feminina, impedindo qualquer resistência efetiva, o discurso que submetemos a escrutínio visa a legitimar um irrevogável estado de dominação. E a argumentação será ainda

---

20 *Ibidem*, p. 157.

aprofundada, de tal modo que qualquer possível liberdade da mulher seja reduzida a uma espécie de epifenômeno – algo que se tornará visível de modo mais nítido no argumento que sustenta a legitimação do estupro. Uma sentença o sintetiza: "Esta debilidade a que a natureza condenou as mulheres prova incontestavelmente ser sua intenção que o homem, que então goza mais do que nunca de sua potência, a exerça mediante todas as formas de violência que desejar, incluindo os suplícios"<sup>21</sup>. Reitere-se: uma "evidência natural" serve como ponto de partida "incontestável" – as mulheres estão condenadas à "debilidade". A concepção sadeana de natureza divisa a violência como seu motor fundamental, e o rígido determinismo que invariavelmente encontramos nos escritos do Marquês – elaborado como consequência de um ateísmo que pretende encontrar na razão e na ciência seus únicos critérios – levam-no a fazer da (suposta) "intenção natural" uma lei aplicável também à ordem humana. De outro lado, quando o gozo é qualificado como uma paixão que supera todas as outras na medida em que afirma egoisticamente a potência do indivíduo, como não perceber o vínculo que há entre uma coisa e outra?

O gozo será, por conseguinte, o momento em que a supremacia masculina se afirmará em sua plenitude – e assim deve ocorrer por determinação da natureza. O estupro é, portanto, algo que se manifesta de modo espontâneo, como um mero exercício da sexualidade masculina, legitimado pela própria dinâmica natural. Vale ressaltar que tudo isso tem como pressuposto um conjunto de asserções em torno da constituição do corpo feminino: se a natureza o faz mais frágil, se o seu gozo é sempre secundário – como atestam, não por acaso, dois porta-vozes da masculinidade: o Cavaleiro de Mirvel e Dolmancé –, é porque foi produzido para submeter-se ao mais forte, a quem se concede o uso de quaisquer meios ("incluindo os suplícios") para efetivar a violação. O que resulta deste raciocínio é, ao fim, mera consequência daquele conjunto de axiomas misóginos: o estupro nada mais é do que a afirmação da ordem natural.

Herdeiros das luzes, os libertinos sadeanos percebem na natureza os marcos regulatórios da cultura; ao empreender sua crítica dos costumes no supracitado discurso aos franceses, o Cavaleiro de Mirvel não deixará de propor um código legal perfeitamente adaptado à legitimação da violência sexual. Nesse ponto, a argumentação apresentará toda a sofisticação característica do pensamento sadeano:

---

21 *Ibidem*, p. 177.

trata-se de salvaguardar o princípio de igualdade jurídica e a condição livre das mulheres – na ordem da cultura – ao mesmo tempo em que se defende sua submissão aos homens – algo imposto pela concepção de natureza que está em jogo. O que há nisso de contraditório não deve ser imputado unicamente a Sade, mas a todo o vasto conjunto de revolucionários filhos do Iluminismo para quem a reforma da sociedade não deveria colocar em risco as estruturas de poder sexistas<sup>22</sup>, e que o fizeram precisamente recorrendo a supostos princípios ontológicos vinculados à natureza.

Consoante o Cavaleiro, há um desvio relativamente à ordem natural instaurado pela ideia de propriedade: conceder ao homem o direito de possuir a mulher é violar a condição livre que pertence a essa por nascimento; por conseguinte, a convenção social que permite ao homem apoderar-se da mulher é tão ilegítima quanto a que justifica a escravidão. Por outro lado, isso não quer dizer que deva ser vedado ao homem o direito de desfrutar do corpo da mulher, quando assim o desejar: "é incontestável que temos o direito de estabelecer leis que as obriguem ceder ao furor de quem as deseja; sendo a violência um dos efeitos deste direito, podemos empregá-la legalmente"<sup>23</sup>. Em outras palavras: a mulher não pode pertencer a um único homem, por qualquer convenção social, porque por determinação natural ela pertence a todos os homens. Também aqui, a condição ontologicamente secundária das mulheres se torna evidente: se todo indivíduo nasce livre, isso só será absolutamente verdadeiro no caso masculino; as mulheres têm direito à liberdade apenas enquanto não lhes for solicitado que se submetam aos homens. O fundamento androcêntrico desse princípio se torna evidente quando o próprio Cavaleiro assim o formula: "Todos os homens têm um direito de gozo idêntico sobre todas as mulheres"<sup>24</sup>. Podemos, assim, formular o corolário que sintomaticamente não consta do texto: "todas as mulheres têm um dever idêntico de servir ao gozo de todos os homens".

Um desdobramento dessa reflexão é o argumento que afasta qualquer possibilidade de se estabelecerem limites quanto à idade da mulher a ser sexualmente possuída. O Cavaleiro de Mirvel é quem menciona essa questão, oferecendo uma resposta rápida e nada surpreendente. Segundo sua proposta, haveria "templos de

---

22 Cf., entre outros: FRAISSE, G. *Reason's muse: sexual difference and the birth of democracy*. Trad. Jane Marie Todd. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

23 SADE, *op. cit.* p. 149.

24 *Ibidem*, p. 150.

Vênus" que abrigaria mulheres forçadas à prostituição, estando sujeitas a punição caso se recusassem a fazê-lo; "teria que se fixar a idade" dessas prostitutas compulsórias, observa num primeiro momento, mas logo afirma: "Ora, creio não poder fazê-lo sem perturbar a liberdade de quem deseja gozar de uma mulher desta ou daquela idade"<sup>25</sup>. Há aí uma notável – e insidiosa – coerência argumentativa: o Cavaleiro apenas leva adiante o conjunto de princípios subjacentes à legitimação do estupro; a liberdade da mulher pressupõe a submissão à liberdade do homem. Mas que dizer a quem objetar que meninas muito jovens podem ter sequelas físicas ocasionadas pelo estupro – questão, aliás, formulada de modo nitidamente eufemístico: "há uma idade em que a saúde da jovem decididamente pode ser prejudicada pelos procedimentos do homem"...? "Esta consideração não tem nenhum valor", argumenta o Cavaleiro de Mirvel: "Desde que me concedeis o direito de propriedade sobre o gozo, este direito é independente dos efeitos que ele produz; a partir de então, tanto faz este gozo ser vantajoso ou prejudicial ao objeto que a ele deve se submeter"<sup>26</sup>.

#### **IV. "O destino da mulher é ser como a loba e a cadela"**

O direito masculino ao gozo se eleva, por conseguinte, em princípio absoluto, e nada pode obstá-lo de forma legítima. Se apenas a semente do homem encerra a potência criadora, se o homem é o agente privilegiado na dinâmica natural, como negar-lhe o poder de criação e destruição associado à natureza? De resto, é recordar aquilo que diz o moribundo ao padre no diálogo composto por Sade: se "somos arrastados por uma força irresistível, e jamais, sequer um instante, temos o poder de nos determinar para outra coisa além daquela a que estamos inclinados"; se "não há uma só virtude que não seja necessária à natureza e, da mesma forma, um só crime de que ela não tenha necessidade"<sup>27</sup>, como atribuir ao homem qualquer culpa por agir de acordo com o que lhe exigem os impulsos "naturais"? O que aqui está em pauta é aquela "criminalidade cósmica" que serve como fundo para os crimes humanos, de

---

25 *Idem*.

26 *Ibidem*, p. 150-151.

27 SADE, D. A. F. Marquês de. *Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias*. Trad. Alain François e Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2001. p. 26-27.

que trata Ronald Hayman em comentário à *A nova Justine*<sup>28</sup>. O crime não está no exercício sem freios do gozo masculino, mas no gesto da mulher que se nega a submeter-se a ele, contrariando a exigência projetada em seu corpo: "persuadi-vos de que não pode haver nenhum mal em seguir os impulsos da natureza, que não foi para um único homem que ela vos criou, mas para agradar indiferentemente a todos"<sup>29</sup>, admoesta posteriormente o Cavaleiro.

"Fode e apenas fode; é para isso que estás no mundo", aconselha a Eugénie a Senhora de Saint-Ange, que pouco antes afirmara à jovem: "O destino da mulher é ser como a loba e a cadela: pertencer a todos os que a desejarem"<sup>30</sup>. Já vimos como esse dever de servir ao prazer masculino se legitima; articulando-o com a desqualificação ontológica de que são alvo as mulheres, chegamos à reificação de que elas são alvo, que subjaz ao modo como seus corpos devem ser instrumentalizados. Daí ser possível a instauração de uma categoria particular de mulheres, cujo corpo será pensado unicamente em função das práticas libertinas. A Senhora de Saint-Ange – que aconselha às jovens apenas foder, jamais gerar – é quem admoesta: "Contornaremos tudo o que se refere ao mecanismo vulgar da reprodução, para nos ater única e exclusivamente às volúpias libertinas, cujo espírito de modo algum é reprodutor"<sup>31</sup>. Reivindicação do direito da mulher ao prazer, desvinculando-a dos discursos que a destinavam à reprodução?<sup>32</sup> Mais uma vez, cabe ter cautela.

Em primeiro lugar, o discurso contra a reprodução presente em *A filosofia na alcova* não é pensado num sentido emancipatório no que tange às mulheres. Quando, a certa altura, Dolmancé argumenta veementemente contra a ideia de que a reprodução seja necessária à natureza, aquilo que motiva sua argumentação é a defesa do direito masculino ao desperdício do "esperma produtivo", por meio das práticas entre homens. Para que o percebamos, basta que atentemos para o espaço que é dedicado à mulher nessa fala: é principalmente para o "sodomita" que fala, mencionando apenas de passagem a "tríbade" que, evidentemente, não deixa de obter

---

28 HAYMAN, R. *Marquis de Sade: the genius of passion*. Londres: Tauris Parke, 2003. p. 204.

29 SADE, *op. cit.* p. 154.

30 *Ibidem*, p. 48.

31 *Ibidem*, p. 29.

32 A "rebelião" de Eugénie de que fala Angela Carter (*op. cit.*) – concretizada na aniquilação da sexualidade materna, ao fim de *A filosofia na alcova* – representa, de fato, o momento decisivo de sua introdução na ordem sexista; note-se, a este propósito, como todos os procedimentos descritos no texto sadeano contam com a aprovação e a direção de Dolmancé.

benefícios por essa perspectiva; por outro lado, é revelador que a referência ao corpo feminino seja feita apenas para "naturalizar" a relação anal entre homens – pois o interior do "altar do prazer" (ou seja, o ânus) é "do mesmo gênero que o interior da vagina de uma mulher"<sup>33</sup>. E não é por acaso que, convencida pelo discurso de Dolmancé, Eugénie queira ser enrabada – o que lhe será negado pelo "homem mais capacitado do mundo" nas artes do sexo, a quem o corpo feminino, por sua própria condição, sempre parece portador de um "grave defeito".

Em segundo lugar, note-se que o momento no qual a Senhora de Saint-Ange efetiva uma pretensa defesa da autonomia da mulher sobre o seu corpo se insere num contexto em que essa autonomia, uma vez mais, paradoxalmente deriva de uma condição subalterna que necessariamente lhe impõe rígidos limites. "Portanto fode, Eugénie; fode, meu anjo. Teu corpo só a ti pertence; só tu no mundo tens o direito de gozar dele e fazer gozar a quem bem quiseres"<sup>34</sup>, afirma aquela que faz as vezes de preceptora; contudo, seria enganoso isolar esse trecho da fala em que se insere – que é precisamente aquela que iguala o destino da mulher aos da loba e da cadela. Conquanto desqualifique o discurso de que a mulher tem por função reproduzir, os personagens sadeanos convergem para uma mesma percepção, desprovida de sentido emancipatório: a função da mulher é foder; e, embora ela assim possa alcançar o prazer, este sempre ocupará um lugar secundário relativamente ao gozo masculino. Em outras palavras: neste hierarquizado mundo em que o prazer sexual do homem é concebido como um princípio absoluto, em plena consonância com uma ordem patriarcal considerada soberana, como poderia a mulher – e seu gozo – não estar condenada à mais irrestrita subalternidade?

## Referências

CARTER, A. *The sadeian woman, and the ideology of pornography*. Nova Iorque: Pantheon, 1978.

FRAISSE, G. *Reason's muse: sexual difference and the birth of democracy*. Trad. Jane Marie Todd. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

HAYMAN, R. *Marquis de Sade: the genius of passion*. Londres: Tauris Parke, 2003.

LACAN, J. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

---

33 *Ibidem*, p. 105.

34 *Ibidem*, p. 49.

LE BRUN, A. *Sade: a sudden abyss*. Trad. Camille Naish. São Francisco: City Lights Books, 2001.

MORAES, E. R. *Sade: a felicidade libertina*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

SADE, D. A. F. Marquês de. *Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias*. Trad. Alain François e Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2001.

\_\_\_\_\_. *A filosofia na alcova*. Trad. Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SAFATLE, V. *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: UNESP, 2006.

SAU, V. *Diccionario ideológico feminista*. v. I. 3. ed. Barcelona: Icaria, 2000.

WHITEHEAD, S. Men. In: FLOOD, M. et. al. (eds.). *International encyclopedia of men and masculinities*. Nova Iorque: Routledge, 2007. p. 401-405.

ZURBUCHEN, S. Religion and society. In: HAAKONSSSEN, K. *The Cambridge history of eighteenth-century philosophy*. v. II. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2006.